

**Paulo Francis e o cenário político-ideológico de 1989: Análise do discurso sobre “o fim do socialismo no leste europeu” e “o perigo Lula” no processo político-eleitoral brasileiro daquele ano\***

ALEXANDRE BLANKL BATISTA \*\*

Franz Paul Trannin da Matta Heilborn, vulgo Paulo Francis, foi um dos mais destacados jornalistas brasileiros, principalmente a partir de meados da década de 70. É interessante notar como esse destaque começou a se constituir exatamente no momento em que Francis abandonava o trotskismo e começava a disseminar suas posições conservadoras e, mais adiante, alinhadas à doutrina neoliberal. Durante a década de 1990 foi um dos mais bem sucedidos profissionais da imprensa nacional. Atuou, entre outros, nos jornais *Folha de São Paulo (FSP)*, *O Estado de São Paulo (OESP)* e *O Globo*, além de ter ficado famoso ao aparecer em ligeiras inserções nos telejornais da *Rede Globo de Televisão*.

Neste texto, focamos alguns dados biográficos de Paulo Francis e sua participação no jornal *Folha de São Paulo*, sublinhando os acontecimentos do ano de 1989, último ano de atuação do colunista naquele jornal, época que marcou uma das fases cruciais para a derrocada do socialismo no leste europeu, especialmente com “a queda do muro de Berlim”. Neste mesmo ano, em âmbito nacional, experimentávamos o primeiro processo eleitoral para a escolha direta do presidente da República por todos os eleitores brasileiros aptos para tal. De certo, um marco importante para a história brasileira depois de décadas de repressão e Ditadura Civil-Militar.

Nossa hipótese de trabalho é de que Paulo Francis ocupava um espaço privilegiado na imprensa nacional por se vincular organicamente aos interesses transnacionais capitalistas, especialmente ao setor financeiro e aos setores de imprensa que funcionam como Aparelhos Privados de Hegemonia deste setor e de outros setores dominantes dentro e fora da sociedade brasileira. Pelo curto espaço que temos, discutiremos apenas algumas relações entre as ideias de Francis e o conteúdo do jornal *Folha de São Paulo*. A análise ficará restrita, como já foi dito, ao ano de 1989 e aos

---

\* Esta reflexão é parte da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cujo projeto intitula-se: “O ideário neoliberal e conservador de Paulo Francis a partir de suas colunas nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* (1975-1997)”.

\*\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

acontecimentos referidos anteriormente dispostos nas colunas de Francis e destacados nos editoriais e conjunto de matérias da *Folha*. No final, aproveitaremos a breve análise que nos dispomos neste artigo para propor alguns apontamentos que se pretende desenvolver na tese de doutoramento, tanto a respeito da atuação intelectual de Paulo Francis quanto ao estudo da imprensa da qual fazia parte.

### **Breve exposição de alguns dados biográficos de Paulo Francis**

Franz Paul Heilborn nasceu no Rio de Janeiro em 2/9/1930. Fizera o ginásio e o colegial em escolas cariocas. Não chegou a completar o curso universitário de filosofia, no qual entrara em 1950. Com 21 anos fez sua primeira viagem internacional a Paris. De 1951 até 1954, o jovem Franz frequentava determinados círculos que o conduziram às artes dramáticas, como o Teatro do Estudante e uma temporada em Nova Iorque, ocasião em que estudou com Eric Bentley.

Tais experiências com o teatro acabaram redirecionando sua carreira profissional como crítico teatral, momento em que iniciou suas incursões como jornalista e escritor. Primeiramente, na *Revista da Semana*, em 1957 e, em seguida, no *Diário Carioca*, com a mesma função. Porém, a dedicação aos temas políticos somente se manifestou no momento em que passou a colaborar ao jornal *Última Hora*, em 1963. A nova experiência, contudo, durou pouco tempo. Após o Golpe Civil-Militar de 1964, a maioria das redações restringiu o seu ímpeto crítico, movido à ironia e linguagem ácida. Francis só voltaria às redações em 1967, editando o Quarto Caderno do *Correio da Manhã*. Um ano depois veio a primeira prisão, seguida de outras três até 1970 (ao todo somou dois meses de detenção). É importante mencionar neste meio tempo a criação de *O Pasquim*, semanário em que Francis foi um dos co-fundadores. Com exceção da primeira, as demais detenções foram o reflexo de sua colaboração àquele semanário, “honraria” dividida com seus colegas de redação, frequentemente “convidados” a dar depoimentos nas delegacias e conduzidos à prisão<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> De novembro de 1970 até fevereiro de 1971 a maior parte da equipe manteve-se encarcerada, porém *O Pasquim* não saiu de circulação. Millôr Fernandes permaneceu em liberdade e reuniu um grupo de personalidades célebres que passaram a colaborar com o jornal naqueles meses. Entre elas, Chico Buarque, Glauber Rocha, Rubem Fonseca, Odete Lara e diversos intelectuais cariocas. Ver: BRAGA (1991: 36-39) e KUCINSKI (1991: 161-174).

Depois deste período mais conturbado, gradativamente, vai se estabelecendo em Nova Iorque, cidade que adotou para viver. A sua função como correspondente estrangeiro começou já no início dos anos 70, ainda atuando em *O Pasquim*. Segundo relato de seu livro de memórias, um dos fatores preponderantes para a mudança definitiva para a América do Norte, deveu-se ao incentivo de “pequena bolsa da *Fundação Ford*” (FRANCIS, 2007). Por enquanto, não temos maiores informações sobre o que envolvera o ganho desta bolsa. Entretanto, é um dado interessante, visto que a *Fundação Ford*, junto com outras instituições estadunidenses, naquela época, auxiliava na edificação das políticas econômicas e culturais, apregoadas por iniciativa dos EUA, para a América Latina<sup>2</sup>.

Em 1975 foi contratado pela *Folha de São Paulo* e, um ano depois, deixou de colaborar para *O Pasquim*. No que tange nossa pesquisa, este marco é importante, pois é por volta dessa época que teria se dado “a virada ideológica” de Paulo Francis. Se levarmos em consideração o aspecto da conversão de Francis a um ideal próximo do liberalismo conservador, a primeira questão que surge é: como poderíamos caracterizar seu posicionamento ideológico antes dessa viragem? Outras questões que viriam acompanhadas dessa seriam: houve de fato uma viragem ideológica? E qual era a relação entre as ideias de Francis e o público para o qual escrevia, antes e depois da suposta viragem ideológica? Colocamos essas questões por entender que devemos matizar o suposto trotskismo de Francis, mesmo antes da década de 1970.

No entanto, assumimos a condição da impossibilidade de responder a essas questões neste momento. Há de se considerar o fato que Paulo Francis não é um caso isolado no manancial de “ex-intelectuais de esquerda” que, de alguma forma, entre os anos 70 e 90, deram uma guinada à “centro-direita” e à “direita”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> “Embora a reivindicação de um ‘olhar latino-americano’ para as Ciências Sociais tenha sido a palavra de ordem para muitos desses centros e instituições de pesquisa [Cepal, Flacso, Clapcs, Clacso], isso não foi um antídoto para evitar que fizessem parte da estratégia, comandada pelos EUA por intermédio de agências como CIA e a Fundação Ford, de ‘guerra cultural para fabricação industrial do consenso’. No âmbito específico das ciências Sociais, a década de 1960 foi pródiga em projetos de fachada científica que ocultavam um ‘interesse político estratégico muito preciso e determinado: contribuir para a defesa imperial de contra-insurgência e contra-revolução preventiva” (NEVES, 2010: 55).

<sup>3</sup> Este problema é um dos pontos centrais analisados no livro organizado por Lúcia Maria Wanderley Neves (*Direita para o Social e esquerda para o capital*). Segundo os autores que colaboram para a reflexão coletiva no livro, há um fenômeno, em âmbito mundial, manifesto nos intelectuais, que ora estiveram à esquerda, e hoje estão à direita, de refutação de antigos paradigmas, ideologia e posicionamentos políticos que defendiam anteriormente, aceitando que haveria a necessidade de

## **Paulo Francis na grande imprensa: *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo***

Nos anos em que atuou para os jornais *FSP* e *OESP*, através de sua coluna *O Diário da Corte*, como pano de fundo histórico, também acompanhados por esses jornais, tivemos o processo de abertura política no Brasil, “Diretas Já”, o processo de Anistia, as eleições presidenciais dos anos vindouros, a elaboração da Constituinte, além das discussões que estiveram presentes durante a ascensão e derrubada de Collor, a campanha contra o PT nas eleições de 1989, a Reforma do Estado brasileiro, em meados dos anos 90, e, de maneira geral, as disputas ideológicas pertinentes ao chamado “processo de globalização” e as receitas promovidas através do neoliberalismo.

Todos esses eventos foram acompanhados de perto por ambos os jornais e, particularmente, por Paulo Francis. Como estamos impossibilitados de fazer uma amostragem de cada um desses eventos, pelo espaço reduzido que temos, selecionamos apenas alguns fragmentos das colunas de Francis na *Folha de São Paulo* para ilustrar alguns posicionamentos, ideias e minúcias que remetem a um estilo de escrita, que faz uso da agressividade e da ironia. Ao lado desses aspectos, a observância do (pouco) grau de profundidade da análise de Francis, e em especial de sua leitura do processo eleitoral brasileiro, da concepção de um “tipo ideal” em que nossa política deveria espelhar-se e ser concebida, além de verificar seu olhar sobre os processos históricos paralelos que transcorriam naquele momento em âmbito internacional. Antes, porém, de apresentar esta amostra, cabem algumas considerações a respeito dos jornais mencionados.

A pesquisa em desenvolvimento não pretende focar-se exaustivamente na imprensa. Tal perspectiva, em nossa opinião, poderia tirar o foco da problemática sobre os intelectuais, bem como o da atuação de Paulo Francis como intelectual defensor e disseminador dos ideais neoliberais. No entanto, as próprias fontes utilizadas neste trabalho, a profissão exercida por Francis e o público atingido por ele, fazem com que a proposta de análise tangencie os problemas que envolvem os estudos acerca da imprensa brasileira e a sua recepção do neoliberalismo. Diante disso, por enquanto, adotamos, para efeito de hipótese de trabalho, as concepções de Francisco Fonseca, que

---

existência do capital para gerir a vida das pessoas. *Idem*.

estudou os jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, defendendo a tese de que a grande imprensa brasileira teria colaborado para a introdução da “Agenda Ultraliberal” no país (FONSECA, 2005).

Além disso, conhecer a história da grande imprensa que se insere na história construída por ela é fundamental. De meados dos anos 80 até início dos anos 90, por exemplo, Fonseca apresenta, através dos editoriais daqueles jornais, diversos elementos que permitem observar como a grande imprensa defendia a abertura da economia, a desregulamentação de mercados e as privatizações. Segundo ele, tais ideias foram “divulgadas e vulgarizadas” pelos jornais, mostrando de maneira simplificada, e até distorcida, processos extremamente complexos a respeito do funcionamento das economias de livre mercado.

Verificando, naquela época, o histórico das opiniões dos jornais *FSP* e *OESP*, Fonseca nota que, para além dos editoriais, as coberturas feitas pelos diversos colunistas corroboravam com a postura dos jornais<sup>4</sup>. Na época examinada pelo autor, Paulo Francis escrevia para a *Folha de São Paulo*. Exatamente no momento em que a *Folha* tentou inovar, passando a ter o trabalho do *ombudsman*<sup>5</sup>, Paulo Francis saiu do jornal. Não fora acaso<sup>6</sup>.

Francis saiu da *FSP* em 1992, passando a escrever para o *OESP*. Neste jornal permaneceu com a coluna *O Diário da Corte*, dando continuidade ao seu estilo de escrita e ao seu conteúdo, unindo comentários sobre política, economia, relações internacionais, artes e “variedades”. De acordo com Fonseca, a *FSP*, embora tivesse suas próprias características, não diferia ideologicamente do *OESP*, especialmente em

---

<sup>4</sup> Conforme Fonseca, ao analisar os jornais, “impressiona a ausência de vozes discordantes, seja nas coberturas seja sobretudo nos argumentos que a opinião editorial esgrima (quanto a esta, representa a síntese de um periódico, pois orienta e influencia toda a cobertura jornalística e poderia, no mínimo, discutir os diversos argumentos disponíveis). *Idem*, p. 445.

<sup>5</sup> O *Ombudsman* tem a função de receber as críticas, reclamações em geral e eventuais sugestões das pessoas, devendo agir, em teoria, a favor da comunidade reclamante. Geralmente as companhias contratam tal profissional com o objetivo de atender clientes ou usuários de seus serviços, servindo este de elo entre a comunidade e as empresas. Com isso, também, se evita que o reclamante procure diretamente os agentes que dirigem tais empresas.

<sup>6</sup> É público o fato que causou a saída de Francis do jornal *Folha*, quando, depois de discussões e vários textos dirigidos a Caio Túlio Costa, então *Ombudsman* do jornal, o qual atacava os “pontos fracos” de Francis, denunciados por carta de leitores. Os diretores da *Folha* acabaram ficando a favor de Caio T. Costa, o que teria provocado a ira de Francis. Ele teria aceitado os antigos convites para trabalhar no *OESP*. Além disso, Francis já participava ativamente da *TV Globo*. O contrato com a *Folha* não lhe permitia enviar seus textos para outros jornais. Com a passagem para o *OESP*, pôde colaborar para o jornal *O GLOBO*, além de outros jornais ligados ao *Grupo Roberto Marinho*.

se tratando da disseminação da Agenda Neoliberal. Nessa direção, Paulo Francis encontrou um ambiente propício, tanto no primeiro como no segundo jornal, para o seu repertório particular de palavreado agressivo e irônico, o que possivelmente auxiliava na assimilação dos preceitos dessa Agenda por parte de seus leitores.

Entretanto, há de se fazer uma observação importante: seu espaço de atuação fora ampliado no momento em que saiu da *Folha*. Francis já atuava para a *TV Globo* desde 1980, como correspondente internacional, momento a partir do qual se tornou bastante conhecido, com sua fala “pausada” e “arrastada”. Mas foi apenas quando saiu da *FSP* que pôde publicar seus textos em outros jornais. O contrato com o *OESP* não exigia exclusividade, como o contrato com a *Folha*. Dessa maneira, passou a escrever para os jornais pertencentes às *Organizações Roberto Marinho* e suas afiliadas. Embora fosse reprodução dos artigos do *OESP*, o próprio Francis comemorou, segundo ele, a possibilidade de escrever ao público do Rio de Janeiro, sua cidade natal, através do *O Globo* (FRANCIS, 2007).

Entendemos que, além do estudo das colunas de Francis, deve-se acompanhar determinados assuntos dos jornais que, porventura, podem entrar, ou não, em sintonia com o conteúdo de suas colunas. No caso do recorte em torno do ano de 1989, podemos observar que esta sintonia existiu. A maioria dos editoriais e das colunas enfatizavam o “fim inevitável do socialismo” e uma antipatia pelo candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, nas eleições daquele ano. O estudo dos editoriais, neste sentido, é bastante elucidador, pois mostra a posição do jornal diante dos acontecidos, e não a opinião de um ou outro colunista. No caso de Paulo Francis, suas opiniões diferiam dos editoriais mais pela forma do que propriamente pelo conteúdo<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Os editoriais da *Folha* enfatizaram bastante a falência do ideal socialista e a impossibilidade de existência de regimes com tal orientação no horizonte de então, especialmente nos editoriais do mês de novembro de 1989. A analogia direta desses regimes com a orientação ideológica petista nas eleições de 1989 também se fazia evidente. Além disso, ganham destaque editoriais preocupados com a questão econômica, de fuga de capitais, dependendo do desfecho eleitoral que estava por vir. Boa parte dos colunistas acompanhavam essas preocupações presentes nos editoriais. Para maiores detalhes, ver: FONSECA, Francisco. *Op. cit.*

## O “perigo Lula” e a “queda do muro”

Em coluna do dia 9/11/1989, no contexto da fase final do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras e do processo de “queda do muro de Berlim” (evento que, ao passar do tempo, tornou-se repleto de simbolismos), Paulo Francis resume um pouco de suas impressões daquele momento:

*Muita gente me pergunta em quem votar. Em que votar seria a pergunta correta. Em quem tiver coragem de macho para privatizar e eliminar as estatais e liberar as forças da produção. (...) Por que o comunismo está acabando? Porque levou a extremos o estatismo brasileiro. Tomou conta da produção. Isso já não funciona. Comprovado. Há sempre “mordomias” do governo e negligências e desinteresse pelo que o consumidor quer. E resolveu estatizar também a vida pessoal das pessoas. Não se dá um passo sem consentimento da polícia. Não se pode fazer isso e aquilo. Não se pode ler o que o governo não quer. Ninguém aguenta. Foge quem pode. Já estive lá duas vezes e o ambiente não podia ser mais baixo-astrol (FRANCIS, 9/11/1989).*

Os editoriais do jornal naquela semana narravam os acontecimentos internacionais enfatizando tanto a crise soviética quanto a da Alemanha Oriental. Os jornalistas que faziam a cobertura internacional mencionavam que “o fim estava próximo”. Ao verificar este excerto de Francis, notamos que o autor ia ao encontro desse discurso, mas a utilização da ironia dá um tom diferenciado à sua análise. A começar pela questão da eleição presidencial, a qual relaciona com a necessidade de privatização das estatais. Subentende-se que há “covardia”, por parte do governo de então, por não tomar a iniciativa da privatização. Da mesma maneira, correlaciona esses aspectos, necessidade de privatização e as eleições brasileiras, com o colapso do regime político da Alemanha Oriental. Não seria necessário dizer que o problema que envolveu o colapso e queda do comunismo no leste europeu é muito mais complexo de analisar do que simplesmente atribuir as razões deste ocaso à impossibilidade de gerenciamento do Estado.

Porém, a relação feita por Francis, e em época de eleição, limita as possibilidades de escolha de um candidato a um leque mais restrito de opções. Além do que, fica clara a posição por uma ideia, um projeto de sociedade, e menos por um candidato. Pelo menos, esta é a postura de Francis no primeiro turno das eleições presidenciais de 1989, quando o quadro dos postulantes a ir ao segundo turno ainda era incerto. Diante disso, havia apenas uma certeza: o “antilulismo”. Isso ele deixava claro

em todas as suas colunas durante a campanha presidencial. Nesta mesma coluna, do dia 9/11/89, observava o seguinte a respeito do candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio Lula da Silva:

*Já um bestalhão como Lula é capaz de acreditar que o Brasil – expropriados os ricos – poderia ser um país em que cada um tivesse o suficiente para viver. A burrice brota em cada calçada entre os paralelepípedos. É espontânea. “Vem aí”. Como Sílvio Santos (FRANCIS, Idem).*

Aqui aparece a caracterização agressiva dos textos de Francis, agregada à ironia sempre presente (o adjetivo “bestalhão” pertence a ambas), sem contar a “deixa” nas entrelinhas sobre a breve candidatura Sílvio Santos, uma alegoria. Própria da burrice estampada nas ruas? Ou a burrice envolve tanto Lula, como Sílvio Santos, quanto as pessoas que votariam neles? Tanto faz. A precisão nas ideias não importa tanto. As ideias podem ser até contraditórias, desde que sirvam para algum propósito. Apesar da aparente obviedade, esses elementos devem ser apontados e significados dentro dos objetivos textuais do autor, nos quais estaria, evidentemente, a finalidade de desqualificar a figura e as supostas intenções de Lula, sem que, no entanto, se entrasse no mérito de um debate aprofundado sobre as mesmas.

Mesmo a constituição das explicações em torno dos pretensos benefícios do livre mercado e do incentivo às privatizações, o raciocínio fica baseado em uma justificativa sumária, rasa de conteúdo e de maiores esclarecimentos sobre o que se ganha e o que se perde com tais prerrogativas. Em relação ao texto de Francis, devido à extrema acidez e aos componentes irônicos, o conteúdo parece ficar à margem desses outros elementos, os quais parecem “adornar” o seu argumento, tornando-o mais vistoso na aparência. Mas, na mesma direção, e conforme as análises de Fonseca, o Jornal, como um todo, banalizava e homogeneizava o conteúdo político que publicava. Neste sentido, é interessante notar a observação feita por um leitor da *Folha*, publicado no espaço *Painel do Leitor*, em 17/11/1989, intitulado “Socialismo Mesmice”:

*“O Socialismo acabou. Os países socialistas tentam juntar seus escombros”. Esta é a tônica de artigo publicado (27/10) pela Folha e assinado por José Arbex. Se não fosse assinado, poderíamos creditá-lo a qualquer profissional desse jornal ou de outro veículo de comunicação burguês, já que a mesmice tomou conta da mídia do país. Joaquim Santos Turim - São Paulo, SP (FSP/ Painel do Leitor, 17/11/1989).*



Tal notícia certamente não ecoou uníssona apenas na *Folha de São Paulo*, porém o incômodo do leitor, certamente, reflete aquele mesmo incômodo que temos ao folhear mais de um veículo dos diferentes/iguais da grande imprensa. Lembrando que a quase totalidade das notícias internacionais (e mesmo as nacionais) até hoje nos chegam por meio de agências de notícias. Cabe salientar que a manchete intitulada “O Socialismo Acabou” sentencia o fato, ou deixa nas entrelinhas, a constatação de não haver mais possibilidade de construção de qualquer projeto socialista.

Neste ponto, é interessante de se questionar como Paulo Francis realizava o seu papel de corresponde internacional, se trazia notícias que fugissem das grandes agências internacionais, ou as reproduzia. Ao que parece, embora possa ter se constituído em um baluarte para a imprensa conservadora brasileira, em uma análise superficial, Francis “inovou” mais na linguagem e iniciativa agressiva, do que propriamente em um conteúdo novo, ou contribuisse, de alguma forma, para a adaptação daquelas ideias que defendia ao caso brasileiro.

A respeito da conjuntura relacionada à “queda do muro” e ao receio da eleição de Lula, Francis continuava a relacionar o primeiro assunto com o segundo em tom jocoso e agressivo sempre que tinha oportunidade. Importante acrescentar também as previsões econômicas que fazia, calcadas no fator de risco baseado na potencial “fuga de capitais”, posição semelhante às adotadas nas colunas especializadas em economia da *FSP* e mesmo em alguns de seus editoriais:

*Com Lula o dinheiro todo brasileiro já foi ou vai embora. Só quem não puder tirar é que deixará qualquer coisa aí. E as estatais vão falir e a hiperinflação vem. (...) Lula nos coloca “au niveau” de Cuba e Nicarágua. É uma besta quadrada. Não sabe de nada do que está falando. Vai usar o dinheiro dos juros da dívida – que não pagamos – para aumentar o salário mínimo dos trabalhadores. Não dá. Alguém deve saber as quatro operações entre os petelhos (FRANCIS, 23/11/1989).*

A preocupação com a fuga de capitais é uma justificativa comum daqueles que defendem o aumento dos juros para implantar metas inflacionárias e “medidas impopulares” para regular a economia. Certamente não foi coincidência que essa mentalidade estivesse em consonância com o *Consenso de Washington* e com as metas econômicas do FMI, especialmente para os países da América Latina. A receita não foi amplamente discutida e debatida, mas assimilada aos poucos, tendo a grande imprensa um papel de destaque dentro desta prerrogativa. Balizada pela recepção dos textos por

parte dos leitores, o medo do lulismo era racionalizado por toda a conjuntura daquele momento e aliado ao fator econômico. O seguinte excerto, escrito por um leitor da *Folha*, resume bem a mensagem insistentemente construída durante aquele ano, especialmente nos meses de outubro e novembro:

*Temos uma boa nova: caiu o Muro de Berlim, que separava as duas Alemanhas, uma democrata e outra comunista. No Brasil, não podemos aceitar que partidos da esquerda queiram impingir ao nosso povo doutrinas já ultrapassadas no tempo. Elementos desses grupos de esquerda procurarão expulsar do país os capitais estrangeiros que necessitamos para o desenvolvimento. Carlos A. Pereira de Oliveira - Curitiba, PR (FSP/ Paineis do Leitor, 22/11/1989).*

Entendemos que opiniões como a deste leitor podem se enquadrar dentro daquilo que Francisco Fonseca entende como “Consenso Forjado”, ou seja, o processo de criação do consenso em sua fase final, relacionando os eventos e dando a racionalidade antes forjada nos aparelhos privados de hegemonia. Nos editoriais da *FSP* não encontramos este tipo de síntese. Isso cabe aos colunistas, como Paulo Francis, ou mesmo aos leitores, os quais sem dificuldade expressam com mais clareza o simulacro que têm acesso através do conjunto do jornal. Não é nosso objetivo aqui realizar um trabalho de recepção, mas é evidente que o leitor “fala a mesma língua” e interage com o conteúdo que tem acesso, mesmo apropriando-se muitas vezes de maneira distinta àquela da matéria (ou matérias) que teve acesso, o leque de apropriações possíveis é sempre limitado. Isso é algo bastante palpável no acompanhamento do dia-a-dia das matérias, editoriais, colunas e cartas dos leitores publicadas.

Não é difícil entender quem ou o que são os alvos a serem atingidos: qualquer projeto de socialismo ainda existente e projetos que vão de encontro à agenda neoliberal, já em voga e assimilada na grande imprensa, como o investimento e manutenção das estatais, por exemplo. Quanto a Paulo Francis, há de se destacar que seu palavreado recheado de insultos e estilo cômico chamava a atenção para a leitura de suas colunas. Segundo Bernardo Kucinski, nos anos 80 Francis teria tornado-se o colunista mais lido da *FSP* essencialmente por caluniar em seus textos inúmeras personalidades respeitáveis, o que provocava surpresa e espanto diante de sua suposta ousadia. O mesmo autor questiona o seguinte: “Além do sucesso de público, o que mais explica que textos de baixo nível estilístico e ético tenham sido aquinhoados com espaços tão grandes em jornais respeitáveis, como *FSP* (1976-1990) e *OESP* (1990-1997)?” (KUCINSKI, 1998: 86).

Kucinski formula a hipótese de que em períodos de crise há sempre modos de agir utilitários dentro do jornalismo que são estimulados pelos proprietários dos meios de comunicação. Paulo Francis teria sido um intelectual bastante útil dentro do quadro que se apresentava em 1989 e nos anos seguintes, com uma real possibilidade de que a agenda política dominante não se concretizasse. Ora, embora não formulasse postulados políticos respeitáveis e acadêmicos sob o ponto de vista de um analista social mais atento, Francis apontava os caminhos e “traduzia” em uma linguagem mais do que acessível o que seria válido e o que não seria em termos de política e economia nacional e internacional. Em nossa opinião, essa é uma das tarefas que exerce o intelectual orgânico descrito por Gramsci.

De acordo com o que foi apontado, há uma aparente consonância do ideário de Francis com a posição do jornal *Folha de São Paulo* frente aos acontecimentos que se precipitaram durante o ano de 1989, especialmente relacionados aos casos “perigo Lula” e “queda do muro de Berlim”. Esta é apenas uma pequena amostra dos temas que apareceram na coluna *Diário da Corte*, escrita por Paulo Francis, naquele periódico, durante o ano de 1989. Em nosso entendimento, porém, é um período significativo para compreensão do posicionamento ideológico dos veículos de comunicação, bem como a atuação de seus intelectuais. Um fato importante no final daquele ano foi justamente o desligamento de Paulo Francis da *FSP*, fruto de sua atuação implacável no ataque aos seus premeditados alvos, especialmente Luis Inácio Lula da Silva. Suas informações imprecisas, distorcidas e caluniadoras o jogaram contra inúmeros leitores. O recém contratado *ombudsman*, reproduzindo o conteúdo da carta dos leitores, causou a fúria de Francis, que logo depois saiu do jornal, embora não tenha saído de cena.

A exemplo do recorte temporal feito neste texto, todos os momentos históricos aventados, e que se pretende averiguar ao longo da pesquisa, serão correlacionados às publicações dos jornais, e em especial às leituras e interpretações de Paulo Francis sobre os eventos em pauta. São muitas as possibilidades de comparações, no tempo e espaço, a respeito da possível coerência de suas ideias, os momentos em que entrava em contradição, os alvos em potencial sujeitos aos seus ataques, a aproximação de seus pontos de vista com os editoriais dos jornais (*FSP* e *OESP*) e a sua ligação orgânica com o projeto de sociedade que defendia.

Como partimos do pressuposto de que seu projeto estava comprometido com a receita neoliberal, disso dependia o apoio de Francis, o qual apontava sempre caminhos possíveis, em diferentes momentos, dentro daquele receituário. Mesmo quando os governos foram mais comprometidos com aquela “cartilha neoliberal”, como foram os casos dos governos Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, o comprometimento de Francis, pelo que se percebe, nunca foi com os governos, mas com uma ideia de governo. Nesse sentido, nos preocuparemos com as etapas, antes, durante e depois das campanhas presidenciais, com a forma como foi apresentada a maneira que deveria se governar, o apoio ou não às candidaturas e as posteriores críticas. Percebemos que os comentaristas mais recentes de Francis, especialmente seus colegas jornalistas, apontavam inúmeras vezes para as suas “contradições”.

Não negamos que elas possam ter ocorrido, sem dúvida, mas questionamos, por exemplo, os argumentos monocórdios de Daniel Piza e de outras pessoas próximas a Paulo Francis nos depoimentos concedidos ao documentário *Caro Francis* (HOINEFF, 2010). Conforme esses depoimentos, haveria uma contradição nas diferentes posturas de Francis em relação ao apoio à FHC na campanha presidencial e as posteriores críticas com determinadas atitudes do governo, em especial a negativa em privatizar a Petrobrás (PIZA, 2004; NOGUEIRA, 2010; HOINEFF, 2010). Segundo nossa visão, se considerarmos que o papel de Francis era o de organizador e de intelectual orgânico defensor de um projeto calcado no neoliberalismo, próximo às classes e frações de classe que estavam adeptas a essa postura<sup>8</sup>, não vemos contradição alguma. Pelo contrário. A questão seria entender quais as necessidades demandadas por meio das disputas pelo poder no período e os obstáculos a serem ultrapassados. Como as disputas que ocorreram nestas etapas foram conciliadas, absorvidas ou inquiridas por Francis? Suas posições iam ao encontro dos editoriais dos jornais, em suas respectivas épocas, naqueles periódicos em que contribuía? Em tempos de crise por soluções conciliatórias, como na época do *Impeachment* de Collor, como foram suas posições em conformidade ou não com a grande imprensa? Em algum momento perdeu de vista o projeto da “receita neoliberal”? Por quê? Quais foram ou quais seriam as implicações?

---

<sup>8</sup> Em especial, seria interessante observar as disputas entre os próprios empresários nacionais, as políticas que vão sendo empreendidas pelos governos e os entendimentos com relação a determinadas concessões, favorecimentos a certos grupos em detrimento de outros, etc.

Nossa expectativa, a partir do estudo dos artigos de Francis é de entender melhor não apenas o seu ideário, suas contradições e articulações com a grande imprensa, mas também contribuir modestamente na tentativa de estudar certos aspectos da imprensa hegemônica nacional, bem como de seus intelectuais. Neste sentido, antes de “isolar” a figura de Francis, temos a preocupação de entender o espaço que ocupava e, principalmente, por que ocupava. Da mesma forma, entendemos que o potencial da pesquisa não está tanto no questionamento a respeito da organicidade de Francis em relação às suas posturas liberalizantes ou neoliberalizantes (postura que nos parece evidente), e sim em explorar *como* se deu essa organicidade. Isso só é possível com a pesquisa sistemática. Esperamos que a partir da curta análise e do breve período que amostramos, essa necessidade tenha ficado evidente. Por isso, afirmamos a importância de se pesquisar os jornais e manter o acompanhamento das notícias e colunas veiculadas a eles, excluindo a ideia de que a presença de Paulo Francis no meio jornalístico era meramente a de entreter leitores e telespectadores. Assim, seria possível entender melhor o papel desempenhado pelo intelectual de imprensa, além de interpretar mais de perto as disputas, as ideias hegemônicas e contra-hegemônicas que estavam em jogo e os projetos postos em ação, aliados aos entendimentos que se deram no bojo de atuação do Estado e da Sociedade Civil.

### Referências

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os Anos 70: mais pra epa que pra oba...* Brasília, DF: Editora da UNB, 1991.

*Caro Francis*, Brasil, 2010, duração de 95 min. Direção de Nelson Hoineff.

FONSECA, Francisco. *O Consenso Forjado: A Grande Imprensa e a Formação da Agenda Ultraliberal no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005.

FRANCIS, Paulo. *O Afeto que se encerra*. São Paulo: Editora Francis, 2007 (Primeira edição, pela Civilização Brasileira, em 1980)

\_\_\_\_\_. Diários da Corte, Ilustrada, *Folha de São Paulo*, 9/11/1989.

\_\_\_\_\_. Diários da Corte, Ilustrada, *Folha de São Paulo*, 23/11/1989.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 2 – Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. *A Síndrome da antena parabólica: Ética no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1991.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). *A Nova Pedagogia da Hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2005.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). *Direita para o Social e Esquerda para o Capital: Intelectuais da Nova Pedagogia da Hegemonia no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2010.

NOGUEIRA, Paulo Eduardo. *Polemista profissional*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

Painel do Leitor, *Folha de São Paulo*, 17/11/1989.

Painel do Leitor, *Folha de São Paulo*, 22/11/1989.

PIZA, Daniel. *Paulo Francis: Brasil na Cabeça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2004.